

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELISSANE ZIMMERMANN DYNIEWICZ

LUCIANO CANESSO DYNIEWICZ

REFERENCIAÇÃO EM LIBRAS: ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO
DE ALUNOS OUVINTES DO LETRAS LIBRAS DA UFPR

CIDADE

2018

ELISSANE ZIMMERMANN DYNIEWICZ

LUCIANO CANESSO DYNIEWICZ

REFERENCIAÇÃO EM LIBRAS: ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO
DE ALUNOS OUVINTES DO LETRAS LIBRAS DA UFPR

Artigo apresentado como requisito parcial
à conclusão do curso de Licenciatura em
Letras Libras, da disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II - Setor de Ciências
e Humanas, Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia da Silva

CIDADE

2018

Referenciação em Libras: análise da sinalização de alunos ouvintes do Letras Libras da UFPR¹

Elissane Zimmermann Dyniewicz

Luciano Canesso Dyniewicz

RESUMO

Neste artigo, tomamos Bernardino (2012), Araújo (2016) e Neves (2012) para sustentar a discussão de classificadores e Pimenta e Quadros (2006) e Quadros e Karnopp (2004) para as tipologias de expressão facial. Justificamos que esses dois elementos são indispensáveis à referenciação em Libras (CAVALCANTE, 2011; SILVA E ZIMMERMANN, 2018; LEAL, 2011; MOREIRA, 2017). Com isso, o objetivo deste artigo é apresentar as diferentes formas que quatro alunos ouvintes do último ano do Letras Libras da UFPR, que são sinalizantes de Libras como L2, fazem referência a personagens de uma narrativa do desenho animado “Tom e Jerry”, bem como argumentar que o uso de uma certa tipologia de CLs e EFs favorece a produção discursiva sofisticada. Utilizamos uma metodologia descritiva e tratamos os dados no software ELAN. Os resultados apontam que a expressão facial são essenciais e motivam a produção de classificadores.

Palavras-chave: Referenciação, Classificador e Expressão Facial.

¹ Esse estudo é continuação, ampliação e aprofundamento do trabalho de pesquisa iniciado pelo PVA – Programa de Voluntariado Acadêmico – de um dos autores, que deu origem a publicação do artigo “Referenciação em Libras: Um estudo de caso com sinalizantes de segunda língua” em coautoria com a orientadora, professora Lídia da Silva.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não podemos deixar de agradecer a nossa orientadora, Profa. Doutora Lídia da Silva, por toda a paciência, empenho e sempre orientou-nos neste trabalho e também o projeto de pesquisa durante aos 2 anos. Agradecemos por ter corrigido quando necessário sem nunca nos desmotivar. Aprendemos por tudo, o seu conhecimento é como um baú de tesouro!

Aos nossos queridos colegas sinalizantes, cujo apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos, especialmente pela participação de nossa pesquisa e acreditar o seu potencial de obter o melhor resultado. Agradecemos pelas suas mãos são tesouros!

Ao nosso amigo pelo apoio do Wagner Silva Machado que sempre está à disposição de ajuda a tradução. Agradecemos pelo seu coração é tesouro!

1 INTRODUÇÃO

Segundo Gesser (2009) a aquisição da Libras é um processo complexo para o ouvinte devido sua distância linguística com sua primeira língua. Tal complexidade pode se manifestar, em alguma medida, no desempenho do sinalizante de Libras como L2 em diferentes níveis da língua. No nosso caso, importa verificar o nível discursivo, pois é nele que manifesta a referenciação (os classificadores - CL e as expressões faciais - EF, em particular). A escolha pela análise desse elemento é porque, segundo Silva (2018), ele pode tornar a narrativa mais elaborada e a sinalização mais fluente.

Quanto ao estudo com L2, importa esclarecer que desde a Lei 10.436/02 e do decreto 5626/05 tem sido crescente o interesse de ouvintes por essa língua e, além disso, no caso de acadêmicos de uma graduação que forma professores da Libras, sua investigação se torna ainda mais importante, dado o uso que farão do idioma para fins instrucionais.

Com isso em mente, o objetivo deste artigo é apresentar as diferentes formas que alunos ouvintes do Letras Libras da UFPR, que são sinalizantes de Libras como L2, fazem referência a personagens de uma narrativa, bem como argumentar que o uso de uma certa tipologia de CLs e EFs favorece a produção discursiva sofisticada. Escolhemos trabalhar com esse grupo de sinalizantes, uma vez, que no curso superior que fazem, a referenciação é objeto de estudo ao longo de várias disciplinas e/ou está contemplada na prática de diversos programas de ensino.

De modo a atingir os objetivos propostos, traçamos as seguintes **perguntas de investigação**:

1. Como os alunos ouvintes do Letras Libras da UFPR fazem uso dos CLs durante a realização da referenciação dos personagens da narrativa?
2. Como os alunos ouvintes do Letras Libras da UFPR fazem uso das EFs durante a realização da referenciação dos personagens da narrativa?
3. Quais tipologias de CLs e EFs colaboram à produção discursiva sofisticada?

O estudo ora proposto traz contribuições de várias ordens. A primeira é teórica, já que adentra a descrição da língua. A segunda é de cunho pedagógico, já que pode apresentar aos sinalizantes ouvintes mecanismos linguísticos que podem

tornar sua sinalização mais fluente. Por fim, a pesquisa poderá trazer contribuições às disciplinas de Libras no curso de Letras Libras, uma vez, que a partir dela se pode refletir, em alguma medida, a respeito do desempenho dos alunos que por ela passaram.

Nosso texto está organizado da seguinte forma: na primeira parte, o aporte teórico é brevemente apresentado. Na seção 3, discute-se os procedimentos metodológicos e na seção 4 os dados são apresentados e analisados. As considerações finais encerram o estudo.

2 REFERENCIAÇÃO EM LIBRAS

A referenciação diz respeito ao ato de trazer a realidade da vida para a abstração da língua e essa se manifesta na interação entre os interlocutores quando esses precisam fazer alusão a algo ou a alguém. Toda essa construção é abstrata, se dá durante o desenvolvimento do texto, e serve para se fazer representações de entidades que são os chamados referentes. Segundo Cavalcante (2011, p. 15), os referentes são “[...] entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidades abstratas, portanto, imateriais”.

Conforme estudo de caso desenvolvido por Silva e Zimmermann (2018) – no prelo - a referenciação em Libras é feita por meio da introdução e de retomada dos personagens e pode ser marcada pelo uso de vários mecanismos, entre eles: Uso dos CLs, (Leal, 2011); Procedimento discursivo dêitico, (Leal, 2011); A predominância do discurso direto nas estruturas narrativas (processo também chamado de incorporação, anaforismo, role shif, espaço sub-rogado).

Sobre isso, Leal (2011) explica que:

Ao narrar uma história em LIBRAS, o enunciador dispõe de todo o seu corpo para representar as ações narradas. Movimentando-se mais para um lado ou para o outro, respeitando o espaço de enunciação, é possível que o narrador assuma o papel de algum dos personagens. Muitas vezes, o corpo do enunciador vai para um lado e para outro, representando, por exemplo, um diálogo entre dois personagens. Além disso, quando o enunciador deixa o papel de narrador para assumir o papel de algum dos personagens da narrativa, seu corpo movimenta-se com maior liberdade no espaço de enunciação. (...) Quando o narrador passa a assumir o papel de um dos personagens, seu olhar não mais se direciona ao interlocutor, mas a outro ponto. Se for o caso de um diálogo entre dois personagens da narrativa, o olhar daquele que estiver com o ato de fala no momento pode ser direcionado para um ponto no espaço em que se pressuponha estar o outro personagem, interlocutor daquele diálogo. Um pequeno desvio de olhar já é capaz de indicar que houve mudança no papel do narrador. (LEAL, 2011, p. 63).

Moreira (2007), argumentando também sobre esse mecanismo na Libras, explica que os movimentos corporais e o espaço de sinalização ao seu redor são utilizados na referenciação para construir as cenas e interpretar as personagens. A autora assevera:

Essas entidades criadas pelo sinalizador são entidades sub-rogadas, ou seja, são representações mentais em tamanho natural, que assumem posições realistas, por serem incorporadas pelo próprio sinalizador. Os espaços metaís sub-rogados, portanto, não se limitam ao espaço de sinalização em frente ao corpo do sinalizador. Quando o sinalizador quer narrar, por exemplo, um diálogo ocorrido entre um pai e uma mãe, ele pode representar e incorporar a mãe e sinalizar olhando para a esquerda, que é o lugar em que ele pode imaginar que está o pai. O sinalizador tem de fazer a expressão facial da mãe que ele está interpretando e agir como ela. Para interpretar o pai, o sinalizador tem, então, de sinalizar olhando para a direita dele, onde está representada a mãe, fazer a expressão facial do pai, sinalizar e agir como ele, e interagir com a entidade sub-rogada criada para a mãe. Se o pai for mais alto que a mãe, por exemplo, o sinalizador, quando assumir o seu papel, terá de sinalizar olhando para baixo, e quando assumir o papel da mãe, ele terá de olhar para cima. (MOREIRA, 2007, p. 51).

Essas representações em tamanho natural que são incorporadas pelo sinalizante são realizadas a partir do uso de dois principais mecanismos: os classificadores (doravante CLs) e as expressões faciais (doravante EFs).

2.1 CLASSIFICADORES

Os classificadores, explica Neves (2012, p. 47) “[...] são os responsáveis por revelar o tamanho, a forma de um objeto, a animação de um personagem ou como

um instrumento é manipulado e como descrever informações topográficas.”. A revelação dessas características é dada por parâmetros básicos, chamados de morfema. Tais realizações ocorrem, segundo Bernardino (2012) no espaço neutro:

O espaço de sinalização, ou o espaço neutro nas línguas de sinais é utilizado para marcação e identificação dos referentes (...) Além desse uso, o espaço neutro ou a localização física à frente do sinalizador é utilizado para a realização das construções gramaticais com verbos espaciais e de concordância, e também para a realização de construções usando classificadores (CLs). (BERNARDINO, 2012, p. 251).

Conforme Suppala (1986) apud Bernardino (2012) as mãos e o corpo são usados como articuladores para indicar o referente sendo que isso inclui uma configuração de mão (CM) e um movimento específico. Para esse autor há cinco tipos de CLs em língua de sinais americana – e em Libras também, segundo nosso entendimento:

1. **Classificadores semânticos**, no qual a CM representa a categoria semântica do objeto – também descritos na literatura como CLs de entidade;
2. **Classificadores de corpo**, onde o corpo do sinalizador é usado para representar substantivos animados que têm corpos e membros;
3. **Classificadores de partes do corpo**, no qual a mão é usada para representar uma parte do corpo do referente;
4. **Classificadores de instrumentos**, onde a CM representa tanto o movimento do instrumento ou a função da mão manuseando ou utilizando os instrumentos – também descritos como CLs de manuseio por outros autores;
5. **Especificadores de tamanho e forma**, no qual a CM representa o tamanho e a forma de um objeto – também conhecidos como CLs descritivos.

Acrescenta-se a leitura de Araújo (2016) sobre os classificadores discutidos por Liddell (1995):

[...] permite-se que os sinalizadores, ao produzirem sinais dentro do espaço de sinalização, indiquem referentes específicos ou mostrem posições específicas, por meio de pronomes, verbos, concordância dos verbos e dos classificadores. Acrescenta que, produzindo-se um certo sinal em determinada direção ou em determinadas partes do espaço de sinalização, produz-se um significado que diferencia este sinal de outro produzido em outras áreas do espaço de sinalização ou direcionado para elas. (ARAÚJO, 2016, p. 37)

Posto os tipos de CLs, na próxima seção discutimos as EFs.

2.2 AS EXPRESSÕES FACIAIS

Os movimentos feitos com o corpo incluem rosto e tronco e segundo Araújo (2016) são entendidas da seguinte maneira:

Expressões não manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou tronco) marcam as construções sintáticas e lexicais nas línguas de sinais que são essenciais para intensificar ou definir os tipos de frases na Libras. São sinais que, juntamente com expressões faciais e corporais dão outro sentido ao sinal; o pensamento é captado pela visão e decodificado a partir do contexto em que está inserido. Existem sinais que são iguais e a significação dependerá das expressões faciais e corporais. (ARAÚJO, 2016)

As expressões faciais, explica a autora, incluem um número de canais independentes: posição da cabeça, posição do corpo, sobrancelhas e posição da testa, olhar, posição de nariz, boca, língua e bochecha. Note-se o quadro de EFs apresentado por Quadros e Karnopp, 2004:

QUADRO 1 – EXPRESSÕES NÃO MANUAIS

Expressões não manuais (BRITO; LANGEVIN, 1995)	
Rosto	
Parte superior	
sobrancelhas franzidas	
olhos arregalados	
lance de olhos	
sobrancelhas levantadas	
Parte Inferior	
bochechas infladas	
bochechas contraídas	
lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas	
correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha	
apenas bochecha direita inflada	

contração do lábio superior

franzir do nariz

Cabeça

balanceamento para frente e para trás (sim)

balanceamento para os lados (não)

inclinação para frente

inclinação para o lado

inclinação para trás

Rosto e cabeça

cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas

cabeça projetada para trás e olhos arregalados

Tronco

para frente

para trás

balanceamento alternado dos ombros

balanceamento simultâneo dos ombros

balanceamento de um único ombro

FONTE: Quadros e Karnopp, 2004

Compreende-se que as EFs e corporais auxiliam no entendimento da sinalização. Elas são formas de comunicar e um sinal pode mudar completamente seu significado na EF. Pimenta e Quadros (2006) explicam que existem dois tipos diferentes de EFs: as afetivas e as gramaticais (lexicais e sentenciais). As afetivas são as expressões ligadas a sentimentos / emoções. As expressões gramaticais estão ligadas diretamente ao grau de intensidade dos adjetivos, e as gramaticais sentenciais, que se ajustam ao tipo de estrutura que está sendo usado no discurso. Além disso, de acordo com Brito (1995) apud Bernardino (2016) “a expressão não manual (ENM) refere-se a elementos muito importantes, pois a expressão facial e o movimento do resto do corpo, além das mãos, constituem parâmetros e diferenciam significados (BRITO, 1995) apud BERNARDINO (2016, p. 31)

Posto isso, vamos ver a possibilidade de sinalização fluente.

2.3 OS CLASSIFICADORES E AS EXPRESSÕES FACIAIS - DISCURSO FLUENTE

Silva (2018) baseando-se em Gesser, Costa e Viviani (2009) afirma que, apesar de as fronteiras entre a Linguística e a Linguística Aplicada ainda não estarem bem marcadas, já se tem definido que “sua investigação envolverá a

análise do uso da linguagem em suas práticas sociais” (p. 48). Além disso, há o entendimento de que essa é uma área “articuladora de muitos domínios do saber, dialogando, constantemente, com inúmeros campos do conhecimento”. (p. 48), ou seja, a Linguística Aplicada é multi, pluri, trans e interdisciplinar.

Para a Linguística Aplicada - pelo menos para sua vertente mais crítica - afirmam as autoras, há “impossibilidade de uma aplicação direta e imediata da teoria sobre a prática” e por isso mesmo a disciplina problematiza as noções já postas e debate a complexidade de fatores que envolvem as situações comunicativas.

Tendo isso em vista, ou seja, a possibilidade de a Linguística Aplicada analisar o uso da linguagem (a prática) por meio da inter-relação com a teoria linguística, é que se toma o fenômeno da fluência sinalizada como um problema real que envolve ouvintes que são aprendizes de Libras e o relaciona o uso dos CLs e da EF.

Para autora, assim como para esse estudo, tais elementos (CLs e EF) constituem o fenômeno da fluência sinalizada haja vista o progresso que se observa empiricamente que os sinalizantes que produzem textos mais sofisticados e eloquentes são aqueles que sabem lidar bem com os elementos que a constituem.

Nesse sentido, no estudo em questão, o objetivo de relacionar o fenômeno da fluência com o uso dos CLs e da EF tem a ver com o entendimento de que a presença ou não desses mecanismos na sinalização de um ouvinte trará implicações para a fluência que é um fator qualitativo da produção sinalizada. (SILVA, 2018)

3 METODOLOGIA

O curso de Letras Libras² da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na reitoria do prédio Dom Pedro I, em Curitiba/PR conta atualmente com 4 turmas

² Esse curso começou em 2006 no Brasil, na modalidade a distância. Esse curso tem por objetivo formar professores de Libras, prioritariamente surdos, conforme previsto no Decreto 5626. Para os alunos ingressarem o curso de graduação é necessário que tenha em conhecimentos de Libras, pois realizam o vestibular por vídeo-prova. Em 2015, a Universidade Federal do Paraná no setor de ciências humanas abriu as portas para futuros professores de libras, conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura de Letras Libras, é uma das diretrizes da política educação bilíngue para surdos no Brasil, que integra as metas, plano "Viver sem Limite", lançado em 2011 pelo governo de Pedagogia na perspectiva bilíngue. A Universidade Federal do Paraná foi uma das IES contempladas com o lote de vagas e aporte financeiro, em 2013, para a implantação do Curso. A licenciatura de Letras Libras - modalidade presencial, em regime semestral, no Setor de Humanas, ofertados em 30 vagas/ano, no período noturno, perfazendo a carga horária total de 2.810 horas. A formação de professor

sendo que a primeira, da qual coletamos os dados, é do ano de 2015. Nesta turma, ao todo, há 6 alunos ouvintes e 18 alunos surdos, sendo que todos são fluentes em Libras. Entre os alunos ouvintes, uma é coda³, quatro alunos atuam como intérprete de Libras (a coda também atua profissionalmente com Libras) e uma aluna leciona Libras em uma escola particular do ensino regular. Sua média de idade é de 20 a 30 anos.

Para realização deste estudo, contamos com a participação de apenas quatro ouvintes já que duas delas recusaram-se a contribuir com seus dados. Os que se voluntariaram, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido dando direito de uso de sua imagem. Com esses, agendamos um dia da semana e os filmamos, em uma sala vazia da UFPR. Utilizamos, para tanto, equipamentos de luzes, um tripê, uma câmera de celular e um notebook.

Ao chegar na sala, o ouvinte sentava-se e assistia ao vídeo do desenho animado chamado Tom e Jerry com duração de 1 minuto e 15 segundos, disponível no youtube⁴. Eles poderiam assistir ao vídeo quantas vezes fossem necessárias para que após, sinalizassem a história. (nossos sujeitos assistiram em média, 4 vezes ao vídeo)

Nesta história, há 3 personagens: o gato (Tom), o rato (Jerry) e o cachorro (Butch). No enredo⁵ do desenho há a abertura com uma música animada e o Jerry aparece de trás do símbolo do desenho, ele sai correndo e encontra um fio, começa a puxar, mas na verdade esse fio é o bigode do Tom. Os dois estão em imagem parecendo rascunho de desenho. Jerry puxa o bigode do Tom, nisso o gato se levanta irritado e o rato fica dependurado agarrando o fio de bigode. Tom tenta bater e esmagar Jerry que solta o bigode do gato, sai correndo, mas é segurado pelo rabo, quando Tom abaixa mais perto e o rato puxa arrebatando o bigode. Tom fica furioso e persegue o rato, os dois passam pelo buraco e do outro lado é tudo colorido. Tom e Jerry ganham cor. A perseguição continua até Jerry passar para trás da parede. Tom chega mais perto e ouve alguém se aproximando, pega uma panela pensando em esmagar o rato, porém ele acertou o pé do Butch (o cão). O cão pega

não apenas na área de Letras e linguística de língua de sinais, também envolvendo a políticas linguísticas e de inclusão escolar, cultura e identidade surdas, representações sociais da surdez e procedimentos didático-metodológicos específicos para o ensino de libras como língua materna e segunda língua. No Curso de Letras Libras da UFPR há 9 professores surdos, 4 professores ouvintes e 10 Intérpretes.

³ Coda significa Crianças Ouvintes com Pais Surdos - *Children of Deaf Adults* em inglês.

⁴ www.youtube.com/watch?v=z9NcCTKfMHU

⁵ A tradução do desenho que está em linguagem não verbal foi traduzida para linguagem verbal por Wagner Silva Machado, intérprete da UFPR, o qual agradecemos pela colaboração com o português.

o gato e amassa ele dentro da panela. Depois Tom aparece colocando ratoeiras em frente à entrada do buraco de Jerry, ele sai para fora e pula entre as armadilhas pegando o queijo com as mãos e o rabo, joga o queijo para cima enquanto o queijo cai na sua boca para ele comer. Jerry dá de cara com Tom, provoca o gato passando sua pata na cara dele até deixa-lo de boca bem aberta, num salto ele sai correndo e volta para a entrada do seu buraco, após ter passado. Tom chega correndo e bate na parede achatando todo seu corpo, quando de repente de dentro do buraco sai Butch irritado, Tom então foge. Na próxima cena Tom e Jerry estão novamente na perseguição em volta do símbolo do desenho animado e nessa corrida levanta-se muita poeira e o desenho acaba.

Com os dados em mãos, codificamos os sujeitos com pseudônimos: LZ1, THG2, JNT3 e JN4 e transcrevemos a sinalização no ELAN em trilhas específicas aos CLs e as EFs, conforme as seguintes categorias, do Quadro 2:

QUADRO 2 – CATEGORIAS DE CLASSIFICADORES E EXPRESSÕES FACIAIS UTILIZADAS NA TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

CLASSIFICADORES	EXPRESSÃO FACIAL	
CL - Semântico	EF - Bucal	<ul style="list-style-type: none"> - Boca aberta - Boca aberta com dentes - Boca aberta e franzida com dentes - Boca aberta e franzida para atrás - Boca aberta e franzida para frente - Boca puxada - Boca franzida - Boca beijada - Boca bombada - Boca falada - Boca pufada - Boca pufada repetida - Boca mordida - Boca torcida - Boca bochecha - Boca sugada
CL - Corpo		
CL - Partes do Corpo	EF - Olho	<ul style="list-style-type: none"> - Olho aberto - Olho fechado - Olho franzido - Olho puxado - Olho desviado para direito - Olho desviado para esquerdo - Olho desviado para cima - Olho desviado para baixo

	EF - Ombro	<ul style="list-style-type: none"> - Ombro para trás - Ombro para frente - Ombro levantado - Ombro franzido esquerdo - Ombro franzido direito
CL - Instrumento	EF - Testa	<ul style="list-style-type: none"> - Sobancelha franzida - Sobancelha levantada - Sobancelha desconfiada - Sobancelha carente
	EF - Cabeça	<ul style="list-style-type: none"> - Cabeça levantada - Cabeça baixada para frente - Cabeça baixada para esquerda - Cabeça baixada para direita - Cabeça virada para esquerda - Cabeça virada para direita - Cabeça para trás - Cabeça para frente - Cabeça afirmada - Cabeça negada - Cabeça balançada
CL - Tamanho e Forma	EF - Língua	<ul style="list-style-type: none"> - Língua para frente - Língua para direita - Língua para esquerda - Língua para cima - Língua para baixo
	EF - Tronco	<ul style="list-style-type: none"> - Tronco baixado - Tronco levantado - Tronco para direito - Tronco para esquerdo - Tronco curvado direito - Tronco curvado esquerdo - Tronco para frente - Tronco para trás

FONTE: Dyniewicz (2018).

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Conforme já apresentado na introdução, este trabalho tem dois principais objetivos. O primeiro é apresentar as diferentes formas que alunos ouvintes do Letras Libras da UFPR, que são sinalizantes de Libras como L2, fazem referência a personagens de uma narrativa. Para atingir esse propósito, na seção 4.1 apresentamos como são realizados os CLs e na 4.2 apresentados como os ouvintes realizam as EFs. Assim, teremos respondido nossas primeiras perguntas de investigação bem como atendido o objetivo ora apresentado. O segundo objetivo é

argumentar que o uso de uma certa tipologia de CLs e EFs favorece a produção discursiva fluente. Para atender esse objetivo, na seção 4.3 apresentamos a relação entre as duas categorias com a produção discursiva sofisticada.

4.1 A REFERENCIAÇÃO DE PERSONAGENS POR OUVINTES: OS CLASSIFICADORES EM USO

Segundo Bernardino (2012) há cinco tipos diferentes de CLs, e em nossos dados encontramos os seguintes CLs semânticos que são aqueles que representam o objeto.

QUADRO 3 – CL SEMÂNTICO

CL SEMÂNTICO				
PANELA				
RATOEIRA				

FONTE: Dyniewicz (2018).

O sinalizante LZ1 descreveu o CL semântico, não fez o sinal de PANELA, apenas descreveu a forma que entendemos que é uma panela e por meio da EF diz ser pesada. THG2, JNT3 e JN4 não descreveram a panela, somente realizaram a ação de SEGURAR PANELA (como apresentaremos á seguir). Todos os ouvintes realizaram o CL semântico para ratoeira.

Em relação ao CL de instrumento que é aquele que representa como se utiliza o objeto, nossos dados demonstram as seguintes realizações.

QUADRO 4 – CL INSTRUMENTO

CL INSTRUMENTO				
BATER COM A PANELA				
				

FONTE: Dyniewicz (2018).

Conforme nota-se acima, todos os participantes realizam o CL de instrumento demonstrando com a mesma CM como se utiliza o objeto PANELA ou FRIGIDEIRA que é a entidade que o cachorro utiliza para bater no gato. Ou seja, eles estão produzindo adequadamente o movimento. Nota-se também que o CL de instrumento sempre está relacionado com a ação de VERBO e carrega traços do OBJETO.

Dentre o CL de tamanho e forma do objeto, em nossos dados encontramos a seguinte amostra:

QUADRO 5 – CL TAMANHO E FORMA

CL TAMANHO E FORMA				
FIO DE BIGODE				
				
BURACO_NA_PAREDE				
QUADRA				

FONTE: Dyniewicz (2018).

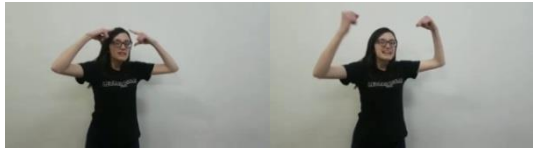
Conforme Neves (2012), os classificadores revelam o tamanho, a forma de um objeto, a animação de personagens e eles apareceram em nossos dados, como no fio de bigode, realizado por LZ1, THG2, JNT3 e JN4. A sinalizante JN4 demonstra imita a ação de puxar, mas não esclarece, exatamente, o que está puxando. Os sinalizantes LZ1 e JNT3 descrevem o fio com mais precisão e clareza pois pela expressão bucal demonstram tratar-se de objeto muito fino. O sinalizante THG2 demonstrou os braços do GATO dormindo, puxando fio, não descreveu fio porque já está mostrando que é bigode, sinalizou ao mesmo tempo DORMIR – PUXAR FIO, a EF foi bem interessante, aqui já fazendo uso simultâneo de CL e EF.

Em relação ao buraco na parede, vemos que os quatros sinalizantes realizaram o CL com CM diferente e com EF diferente. A sinalizante JN4 demonstra a forma semicircular do buraco com duas mãos iguais, como a mesma CM e empregando a EF concentrada (olho franzido e cabeça para frente) em posição esquerda, isso quer dizer que ela está representando que rato se concentra para alcançar no buraco. O sinalizante JNT3 descreve a forma quadrada do buraco com duas mãos iguais, com a mesma CM e com a EF forçada (olho franzido, sobrancelha franzida, cabeça para baixo e boca franzida) que a posição direita, mostrando que o rato se esforça para entrar no buraco. O sinalizante LZ1 demonstrou a forma semicircular do buraco com duas mãos diferente e com a EF alegre (olho desviado para esquerdo e boca bochecha) que a posição esquerda, mostrando que o rato entra no buraco numa boa. O sinalizante THG2 descreve a forma semicircular do buraco com uma mão e com a EF concentrada (olho desviado para direito, sobrancelha franzida e boca beijada) que a posição direita, mostrando que o rato alcança no buraco, parecida com a forma empregada por JN4.

Em relação à quadra, nota-se que LZ1, THG2, JNT3 e JN4 o apresentaram, porém com diferenças. A sinalizante JN4 demonstra a forma meio quadrada no espaço neutro em plana baixa com duas mãos configuradas iguais. O sinalizante JNT3 descreve a forma de parede com uma mão configurada de forma distinta de JN4. O sinalizante LZ1 demonstra a forma de parede com duas mãos iguais só que a posiciona em frente. O sinalizante THG2 descreve a forma de parede com duas mãos configuradas iguais em posição direita com movimento “abrir”.

No que se refere ao CL de partes do corpo, que é aquele que a mão é utilizada para demonstrar uma parte do corpo do referente, em nossos dados encontramos as seguintes amostras:

QUADRO 6 – CL PARTES DO CORPO

CL PARTES DO CORPO	
ORELHA DO RATO	
ORELHA DO GATO	

FONTE: Dyniewicz (2018).

JN4 foi à única que realizou as partes do corpo do rato e do gato. LZ1 e THG2 realizaram apenas o sinal lexical de RATO, GATO E CACHORRO. JNT3 não fez nenhuma descrição e não apresentou o sinal do personagem. Só trabalhou com a incorporação de cada personagem o que dificultou sua identificação.

O CL de corpo, onde o próprio corpo do sinalizador é usado para representar os referentes que têm corpos foi o que apareceu com maior frequência nos dados:

QUADRO 7 – CL CORPO

CL CORPO: CORPO DO CACHORRO				
ANDAR				
ABRIR				
CL CORPO: CORPO DO GATO				
PEGAR				
PUXAR				

SEGURAR				
CL CORPO: CORPO DO RATO				
ESPIAR				
DESCER				
CORRER				

FONTE: Dyniewicz (2018).

Estas realizações vão ao encontro do que explica Bernardino (2012) sobre a construção gramatical de sinalização no espaço ser feita por verbos espaciais e de concordância.

No tocante ao ANDAR para o corpo do cachorro percebe-se que o jeito de andar como poderoso, erguido e tranquilo, só que a cada sinalizante dos 4 demonstra uma realização diferente, assim, JN4 com a cabeça para cima e movimento horizontal dos braços e o tronco levantado, JNT3 com a cabeça para baixo e movimento oposto horizontal dos braços e do tronco, LZ1 com cabeça balançada e movimento oposto vertical dos braços e tronco, THG2 com cabeça para baixo e movimento oposto vertical dos braços e tronco. Os 4 sinalizantes descrevem o CL com a mesma CM.

Sobre ABRIR relativo ao corpo do cachorro vemos que os JN4, JNT3 e LZ1 demonstram o movimento real que se faz ao abrir. A CM é a mesma. THG2 a realiza em posição esquerda e o JNT3, a direita.

Relativamente ao corpo do gato, destacam-se as ações de PEGAR, somente os JNT3 e THG2 demonstram o corpo do gato a pegar o rato com duas mãos iguais de CM “Mão aberta”, só que falta de imitar a pata do gato como 3 dedos, os JN4 e LZ1 não descrevem. Evidenciam-se as ações de PUXAR, JN4 e

JNT3 são o mesmo, com as mãos puxadas e também EFs, só que são opostos da posição esquerda e direita, THG2 e LZ1 estão sem mãos puxadas, somente demonstram EFs com a cabeça para direita repetida. Relevam-se as ações de SEGURAR, todos os sinalizantes são a mesma CM para segurar o rabo do rato, mas as EFs são diferenciadas.


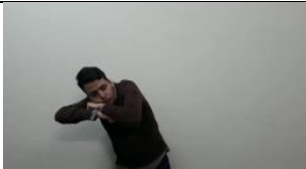

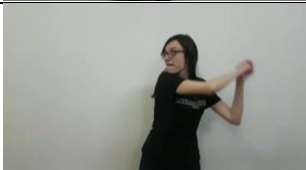






No que diz respeito ao corpo do rato destacam-se as ações de ESPIAR, LZ1 e THG2 são mesma posição de espiar, mas CM e algumas EFs são diferenciadas, só que a JN4 é bem diferente de CL do que os dois, mas CM do THG2 é mesma da JN4, o JNT3 não demonstra. Salientam-se as ações de DESCER, somente JNT3 e THG2 demonstram o corpo do rato para descer quando soltar o bigode do gato, mas o jeito do JNT3 mostrou a incorporação do rato, e o THG2 sinalizou de CL com CM “5”, e os dois JN4 e LZ1 não descrevem. Evidenciam-se as ações de CORRER, o CL de correr foi feito pelos quatro sinalizantes da mesma forma que aparece do desenho animado, ou seja, em círculo e com velocidade, só que a CM do THG2 é diferente dos 3 sinalizantes, pois eles incorporam como correr do Rato.

4.2 A REFERENCIAÇÃO DE PERSONAGENS POR OUVINTES: AS EXPRESSÕES FACIAIS EM USO

Tal como já apontado por Araújo (2016), em nossos dados encontramos muitas e diferentes produções de EFs. Por questão de delimitação de espaço, vamos apresentar um exemplo de cada produção.

QUADRO 8 – EF BUCAL

EF BUCAL	Produção de L2	EF BUCAL	Produção de L2
Boca aberta		Boca bombada	
Boca aberta com dentes		Boca falada	
Boca aberta e franzida com dentes		Boca pufada	



Boca aberta e franzida para trás		Boca pufada repetida	
Boca aberta e franzida para frente		Boca mordida	
Boca puxada		Boca torcida	
Boca franzida		Boca bochecha	
Boca beijada		Boca sugada	




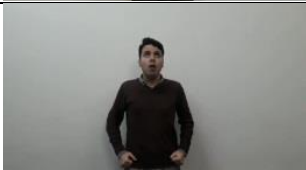

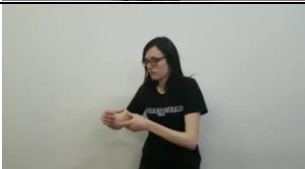
FONTE: Dyniewicz (2018).

O uso dessas expressões, conforme já explicado por Araújo (2016), ajuda demonstrar o jeito dos personagens. Por exemplo, a “boca bombada” reforça as características do cachorro de ser grande e pesado, ou seja, parece que a boca reproduz e/ou substitui os movimentos das patas andando. O uso da “boca sugada”, por exemplo aparece para dar conta de expressar a espessura fina do bigode do gato e o uso da “boca aberta e franzida com dentes” é utilizada para demonstrar a característica psicológica do personagem cachorro: furioso. A “Boca pufada” demonstra assim quando o rato joga o queijo, faz a boca assim “puf” como solta com esforço suficiente. A “Boca franzida” evidencia a cara brava quando compacta o gato na panela.

Em relação à EF-Olho, encontramos o que segue no quadro abaixo:

QUADRO 9 – EF OLHO

EF OLHO	Produção de L2	EF OLHO	Produção de L2
Olho aberto		Olho desviado para direito	


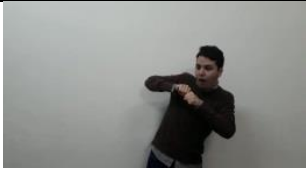

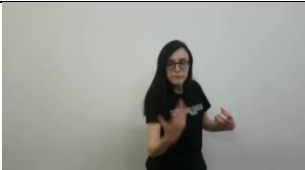
Olho fechado		Olho desviado para esquerdo	
Olho franzido		Olho desviado para cima	
Olho puxado		Olho desviado para baixo	

FONTE: Dyniewicz (2018).

Com essas realizações, pode-se perceber a relação com as ações dos personagens. O “olho fechado”, por exemplo, demonstra que o gato está dormindo. O “olho desviado para baixo” é utilizado quando se está sinalizando a ratoeira em local baixo do espaço. O “olho desviado para cima” foi utilizado quando se incorpora o rato que olha para o gato – que é maior do que ele, logo, está em ponto mais alto. O “Olho desviado para direito” olha o queijo na ratoeira e arrebenta-o, logo, joga o queijo para cima ao lado, então o olho fica assim “Olho desviado para esquerdo”. O “Olho aberto” quando o rato puxa o bigode do gato, a cara fica balançada e doeu. O “Olho franzido” quando o rato saiu no buraco e fica desconfiada a armadilha do gato. O “olho puxado” quando o gato atacou o cachorro que dói o pé do cachorro.

Em relação à EF-Ombro, encontramos o que segue no quadro abaixo:

QUADRO 10 – EF OMBRO

EF OMBRO	Produção de L2	EF OMBRO	Produção de L2
Ombro para trás		Ombro franzido esquerdo	
Ombro para frente		Ombro franzido direito	


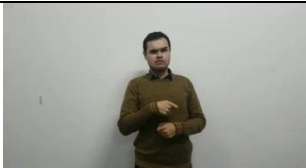
Ombro levantado		
-----------------	---	--

FONTE: Dyniewicz (2018).

Conforme já apontado por Pimenta e Quadros (2006), identificamos que a presença de expressões gramaticais e afetivas e percebemos que estão ligadas ao grau de intensidade que auxiliam a estrutura que está utilizada. O uso do “ombro para trás” foi utilizado para demonstrar que gato correu demais para entrar no buraco. O “ombro para frente” evidencia como o rato se assusta e se desespera ao encerrar o gato que vai o atacar. O “ombro franzido esquerdo” foi utilizado ao sinalizar que o corpo do rato escondeu-se na parede para espiar o gato. O “Ombro levantado” quando o gato reage bravamente que o rato leva susto e correu.

Já em relação à EF-Testa, encontramos o que segue no quadro abaixo:

QUADRO 11 – EF TESTA

EF TESTA	Produção de L2	EF TESTA	Produção de L2
Sobrancelha franzida		Sobrancelha desconfiada	
Sobrancelha levantada		Sobrancelha carente	

FONTE: Dyniewicz (2018).

A “sobrancelha franzida” foi usada para demonstrar o esforço dedicado para correr e pegar o rato. A “sobrancelha levantada” foi utilizada para manifestar o ânimo quando o cachorro estava se passando para receber a atacar do gato. A “sobrancelha desconfiada” (uma sobrancelha baixa e outra cima) foi utilizada quando o rato puxou o bigode do gato e então o personagem exprime a dor. A “Sobrancelha carente” quando arrebenta o queijo na ratoeira como se fosse já sabe habilitar bem.

Em relação à EF-Cabeça, nossos dados apresentam o que segue no quadro abaixo:

QUADRO 12 – EF CABEÇA


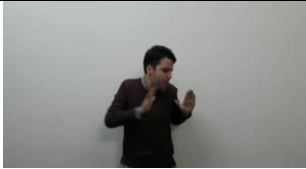
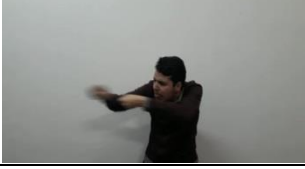
EF CABEÇA	Produção de L2	EF CABEÇA	Produção de L2
Cabeça levantada		Cabeça para trás	
Cabeça baixada para frente		Cabeça para frente	
Cabeça baixada para esquerda		Cabeça afirmada	
Cabeça baixada para direita		Cabeça negada	
Cabeça virada para esquerda		Cabeça balançada	
Cabeça virada para direita			

FONTE: Dyniewicz (2018).

A “cabeça levantada” se manifestou na sinalização quando o rato jogou um queijo para cima e engoliu. A “cabeça balançada” foi utilizada quando o rato puxou o bigode do gato. Então, trata-se do movimento da cabeça feito por esse personagem. A “cabeça para trás” foi expressa na sinalização quando o rato viu o gato e o perseguiu. A “Cabeça negada” se evidencia a negação quando segura o rabo do rato que não deixa escapar. A “Cabeça virada para direita”, o rato vira de cabeça para ver como reagir do gato, logo, leva o susto e corre, fica assim “Cabeça virada para esquerda”. A “Cabeça afirmada” foi usada para demonstrar o entendimento com a confirmação quando ouve o barulho dos pés do cachorro.

Em termos de produção da EF-Língua, nossos achados são os seguintes:

QUADRO 13 – EF LÍNGUA

EF LÍNGUA	Produção de L2	EF LÍNGUA	Produção de L2
Língua para frente		Língua para cima	
		Língua para baixo	

FONTE: Dyniewicz (2018).

A “língua para frente” diz respeito ao momento da sinalização que o rato foge e o gato tenta pegá-lo, quer dizer que é quase alcançar. A “língua para baixo”, quer dizer que o rato está puxando o bigode de forma sacana. A “Língua para cima”, o gato tenta pegar o rato, não consegue.

Sobre a EF-Tronco os dados apontam para as seguintes produções:

QUADRO 14 – EF TRONCO

EF TRONCO	Produção de L2	EF TRONCO	Produção de L2
Tronco baixado		Tronco curvado direito	
Tronco levantado		Tronco curvado esquerdo	
Tronco para direito		Tronco para frente	
Tronco para esquerdo		Tronco para trás	

FONTE: Dyniewicz (2018).

O “tronco para trás” foi utilizado no momento que o rato tentou escapar e não conseguiu, pois o rabo estava preso pelo dedo do Gato. O “tronco levantado”

trata-se do momento da sinalização de quando o gato atacou os pés do cachorro com panela e então há expressão de que doeu. O “tronco curvado esquerdo” foi utilizado pelo sinalizante quando ao sinalizar que o rato estava espiando o gato dormindo. O “Tronco curvado direito” se manifesta do rato está segurando o bigode do gato, solta e desceu. O “Tronco baixado” foi utilizado quando o gato corre com esforço para pegar o rato, por isso o rato é pequeno e o tronco abaixa. O “Tronco para frente” demonstra assim quando gato tenta mergulhar no buraco.

4.3 A REFERENCIAÇÃO COMO MECANISMO DE DISCURSO: A SINALIZAÇÃO FLUENTE

O CL de corpo foi o que mais apareceu na sinalização dos quatro ouvintes sinalizantes de Libras como L2, sendo que neste os participantes THG2 e JNT3 foram os que mais se destacaram.

Em relação às EFs destacamos quais foram mais presentes nos dados:

TABELA 1 – EXPRESSÕES FACIAIS DESTAQUES

Expressões Faciais	Expressões Específicas	Destaques
EF-BUCAL	Boca pufada	50 vezes
	Boca franzida	44 vezes
EF-OLHO	Olho desviado para baixo	40 vezes
	Olho desviado para esquerda	39 vezes
EF-OMBRO	Ombro pra trás	26 vezes
	Ombro levantado	24 vezes
EF-TESTA	Sobrancelha levantada	66 vezes
	Sobrancelha franzida	45 vezes
EF-CABEÇA	Cabeça virada para esquerda e direita	30 vezes
	Cabeça levantada	23 vezes
EF-LÍNGUA	Língua para frente	4 vezes
	Língua pra cima e para baixo	4 vezes
EF-TRONCO	Tronco baixado	23 vezes
	Tronco levantado	21 vezes

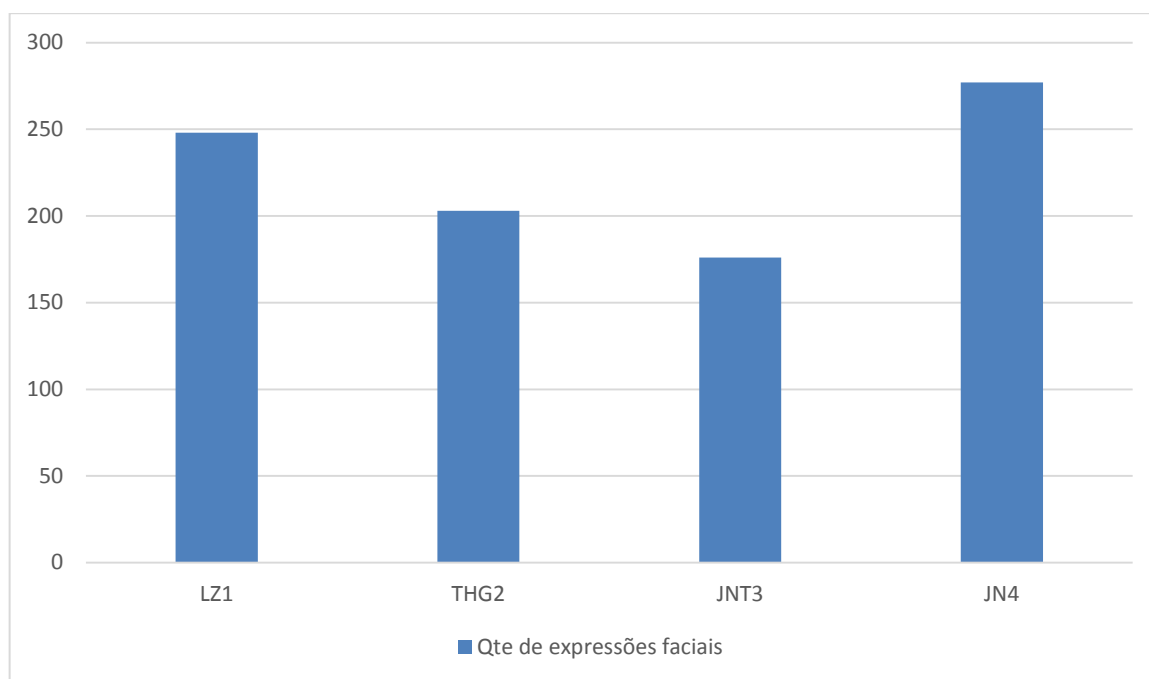
FONTE: Dyniewicz (2018).

Pelas tabelas, nota-se que o maior número deles foi à expressão com sobrancelha levantada, é bem interessante que os personagens no vídeo do desenho animado apresentaram a maioria parte as suas sobrancelhas levantadas principalmente o Jerry (rato). E o menor número deles foi à expressão da língua para

frente. Conforme, Bernardino (2016) a EF é elemento essencial para os movimentos do resto do corpo e ambos possuem a ligação ao referente dos personagens do desenho animado.

Juntando-se todas as expressões realizadas tem-se o seguinte:

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE EXPRESSÕES FACIAIS



FONTE: Dyniewicz (2018).

O sujeito que mais realizou a CL-de partes do corpo foi o que mais realizou EF-Tronco. O sujeito que menos utilizou EF-Cabeça foi o que menos utilizou CM para CL de instrumento.

Apesar dessa análise separada de CL e EF, observamos o que seria mais interessante trabalhar com uso combinado dos dois elementos para ter mais qualidade e clareza na sinalização de uma língua visual-espacial. É o caso, por exemplo da sinalizante JN4 que ao mesmo tempo que fez uso do CL de partes do corpo, também usou a EF-Cabeça “virada para direita e esquerda” no trecho que estava dizendo que o gato segurou o rabo do rato. Tal sinalização nos parece apresentar uma riqueza visual e dinâmica.

Da mesma forma, o CL de corpo do rato, por meio da velocidade do movimento e a EF de dentes rangidos, ombro para cima e boca beijada aparecem conjuntamente para demonstrar a referenciação do personagem.

Vamos destacar mais quatro exemplos:

QUADRO 15 – MOTIVAÇÃO ENTRE CL E EF



FONTE: Dyniewicz (2018).

Na imagem A vemos o sinalizante LZ1 utilizando EFs que motiva os CLs. Nessa imagem ele apresenta as seguintes expressões Bucal (Boca beijada), Olho (Olho franzido), Testa (Sobrancelha franzida) e Tronco (Tronco curvado direito), são os 4 tipos de EF sustentaram os dois CLs do que são Jeito e Ação. Se sem Bucal e Olho, perde a qualidade do discurso. Então, 4 de EF e 2 CL, possibilitaram um discursivo qualificado.

Na imagem B vemos o sinalizante THG2 onde se descreve os tipos de EF motivam os CLs. Nessa imagem as EFs mostradas são, Bucal (Boca aberta), Olho (Olho desviado para cima), Ombro (Ombro franzido para esquerdo), Testa (Sobrancelha levantada), Cabeça (Cabeça levantada) e o Tronco (Tronco para trás), totalizando 6 EFs, suportaram o CL de Ação.

Na imagem C vemos o sinalizante JNT3 demonstra as EFs que são, Bucal (Boca franzida), Olho (Olho franzido para esquerdo), Ombro (Ombro levantado), Testa (Sobrancelha franzida), Cabeça (Cabeça para frente) e Tronco (Tronco para esquerdo), somando 6 EFs que carregam os 2 CLs que são Jeito e Ação.

A imagem D evidencia a sinalização de JN4 onde nota-se que os tipos de EF motivam os CLs. Nessa imagem as expressões apresentadas são, Bucal (Boca pufada), Olho (Olho franzido), Ombro (Ombro levantado), Testa (Sobrancelha franzida), Cabeça (Cabeça para frente) e Tronco (Tronco para esquerdo). Ou seja, são os 6 tipos de EF que sustentaram os dois CLs do que são de Jeito e de Ação.

Podemos perceber que quanto mais a EF está presente, mais ela motivará o CL e o resultado disso é que haverá um melhor resultado na sinalização de um desenho animado, com a clara apresentação dos personagens (corpo, rosto e suas ações) e o cenário.

Notamos que os quatro sujeitos desse estudo, conseguiram narrar a toda história, com uso conjunto dos CL e EF o que não é uma tarefa fácil já que eles tinham que organizar o discurso (com esses elementos da referência) ao mesmo tempo em que memorizar a sequência da história. É bem interessante também, o fato de que não houve uma elaboração previa e a sinalização aconteceu de forma natura⁶.

Não podemos dizer, entretanto, que o fato de os 4 sinalizantes terem apresentado uma sinalização excelente com descrição de cada personagem com CL e EF significa que isso sempre ocorrerá pois isso depende de cada momento e das diversas situações psicológicas a que estiverem expostos (por exemplo, cansados, apressados, preocupados, sinalizando um tema que exija muito esforço). Além disso, depende também do fato de se ter treinado a sinalização antes, ter estudado o enredo com calma e analisando o vídeo do desenho.

O sinalizante LZ1, por exemplo, sinalizou muito bem, mostrou as sinalizações adequadas das EFs e uso dos CLs e assim conseguiu sinalizar a ação de todos os personagens com clareza. Aliás, rimos muito durante sua sinalização, assim como quando assistimos ao desenho animado. O fato de sua sinalização demonstra humor, acreditamos que ele absorveu a experiência visual porque ele ama desenhar lindos desenhos dos personagens todos os dias. No meio de discurso, ele perdeu o contexto e começou a dar sinais sem incorporação e depois voltou.

⁶ Isso pode ter se dado em razão de os ouvintes sinalizantes de Libras como L2 aprenderam a referenciar personagens nas disciplinas do curso de Letras Libras, ou através do contato com os surdos durante os 4 anos ou em função da experiência profissional como intérprete.

A sinalização de JN4 foi muito parecida com de LZ1. Ela é coda, seus pais surdos. Ela apresentou muitas EFs e realizou muitas referências por meio de CL.

O sinalizante JNT3 aprendeu língua de sinais desde jovem e hoje trabalha como intérprete na área acadêmica, pois atua na universidade onde atende alunos surdos de graduação, mestrado. Ele também é intérprete em lugares como teatro. Em sua sinalização percebemos que ele estava cansado pois houve interrupções, e omissões (por exemplo, ele esqueceu de dar os sinais de Rato, Gato e Cachorro para introduzi-los na narrativa).

THG2 é um experiente de intérprete de Libras e atua há tempos na igreja e tem muito contato com os surdos. Sinalizou toda a história com CL e EF sem perder o contexto e com muita clareza. Em relação a expressão fácil pensamos que ele poderia trabalhar melhor pois não expressou o jeito dos personagens, se estava muito bravo, alegre.

Nossos dados demonstram que quanto mais se usa a EF, mais se usa CL e isso torna a sinalização mais visual e clara. Com a relação de EF e CL são importantes para o discurso devido a qualidade de visual para ficar igual de personagens, quando menos detalhes de expressão, o visual ficaria mais fraco, o discurso pode parecer apenas só está contando.

Além disso, afirmamos que os sujeitos diferenciam-se em relação à fluência do quantitativo de expressões produzidas, ou seja, aqueles que mais realizam EFs durante a incorporação dos personagens, nos parecem mais claros e com sinalizações mais sofisticadas e também, muda em relação ao quantitativo de CL presente, ou seja, aqueles que exploram as CM podem ser considerados mais fluentes em relação a referência dos personagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho ora desenvolvido foi uma continuação de nossa investigação na Iniciação Científica (IC) onde tratamos da referência com foco de aquisição de segunda língua por ouvintes. Neste trabalho nossa preocupação foi em saber qual a participação das expressões faciais contextualizadas e dos classificadores para referência. Com isso, nosso referencial teórico se pautou em Araújo (2016) cujo trabalho tem semelhanças com o nosso e nos ajudou com que queríamos comprovar. Utilizamos também Bernandino (2012) que se baseia em nos estudos

do estadunidense Supalla para tratar sobre os cinco tipos de classificadores. Sabemos que há outros autores que descrevem dez tipos de classificadores, porém não utilizamos neste momento pelo tempo curto para tal estudo. Privilegiamos a investigação de Bernandino (2012) pela relevância demonstrada dos seus estudos.

Sobre essas duas categorias de análise, classificadores e Expressões faciais, salientamos que gostaríamos de ter desenvolvido um trabalho mais extenso, mas delimitamos para alguns objetivos levando em consideração o tempo e o recorte do objetivo para este momento.

Na metodologia utilizamos um vídeo do desenho animado (Tom&Jerry) que não possui legenda e nem mesmo conversação, os participantes assistiam e em seguida reproduziam a cena por meio das expressões não-manuais e os classificadores, personificando os personagens do desenho. Entendemos que foi um trabalho maravilhoso, pois os quatro participantes conseguiram produzir de uma forma visual e atrativa o contexto do desenho animado. Nossa expectativa era de que os participantes não conseguiriam, pois trata-se de uma animação com muitas expressões faciais, a movimentação das cenas e sendo uma história muito diferente, entretanto, todos conseguiram satisfatoriamente. Claro que houve algumas dificuldades, mesmo utilizando dos classificadores e expressões, tais como pequenas falhas e pausas devido ao processo de raciocinar e memorizar as cenas, os sujeitos esqueciam de alguma coisa e acontecia a ruptura no discurso. No processo de análise, a pesquisa demonstrou-se mais complexa quando partimos para o estabelecimento de relações entre a tipologia de EFs e os cinco tipos de classificadores. Isso porque começamos a perceber que havia um padrão na utilização dos movimentos da face, olhos, sobrancelhas, o que não acontecia com o uso dos classificadores por se tratar de uma variação numerosa das configurações de mão, como por exemplo, o verbo ANDAR que pode ser representado de várias formas com grande variações de formato e no movimento das mãos.

Como resultado, obteve-se a organização de uma tabela de tipologias, ou seja, nesse trabalho propomos sete tipos de expressões que englobam os traços dos olhos, sobrancelhas, testa, boca, cabeça, corpo. Nesses sete tipos de expressões em cada um deles ramifica-se para um outro novo grupo de expressões. Percebemos que as expressões não-manuais são muito importantes pois dão significado ao classificador que está sendo usado, pois ele sendo desenvolvido isoladamente não demonstra o significado real no discurso, por exemplo se o

personagem esta andando, as expressões faciais dão o significado do ato de andar, ele pode estar com pressa, alegre, saltitante, bravo, sério, portanto são as expressões que trazem esse sentido aos classificadores.

Quanto a análise da sinalização dos quatro participantes da pesquisa, ouvintes, todos fluentes, não houve avaliamos , mas sim constatação da usualidade da língua. Constatamos que eles sabem usar mecanismos de referenciação e que conseguem claramente produzir uma sinalização usando muitas combinações de classificadores e expressões não-manuais. Nesse estudo demostramos a relação entre classificadores e expressões não-manuais e defendemos o uso conjunto desses elementos durante a sinalização para que haja clareza.

Acreditamos que este artigo contribui para os estudos sobre a referenciação em Libras e que o mesmo pode ser disseminado entre os professores bilíngues, Tradutores Interpretes de língua de Sinais e outros, de modo os ouvintes possam aprimorem suas percepções dos detalhes da Libras, e assim produzam construções imagéticas, com tipologia das expressões não-manuais e classificadores. Muitas vezes o sinalizante usa a segunda língua sem expressividade, executando os classificadores mas sem expressões facial, ou as vezes conhecem esses conteúdos mas em seus discursos apresentam apenas vocabulário, mas é necessário a utilização das expressões não-manuais junto aos sinais e mesmo os classificadores, com isto teremos o enriquecimento do discurso.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. 2016. 142 f., il. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **A alternância no uso dos espaços token e sub-rogado na narrativa do surdo**. Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades, Brasília, n. 6, p. 1163-1184, Ano 2016.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 18 ago. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, 2005.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências. BRASIL.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEAL, C. L. **Estratégias de referenciação na produção escrita de alunos surdos**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2011, pág. 63.

MOREIRA, R. L. **Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2007.

NEVES, B. C. **Narrativas de crianças bilíngues bimodais**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

SILVA, Lídia. **Fluência de ouvintes sinalizantes de libras como segunda língua: foco no uso dos elementos da espacialização**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Tese de doutorado.

SILVA, Lídia; ZIMMERMANN, Elissane. **Referenciação em Libras: Um estudo de caso sinalizante de segunda língua**. EDUFMA. 2018. (em prelo).